

Passeata manifesta apoio às comunidades Tapebas

Fotos: Everton Lemos

"Todo mundo que canta/ que pinta/ que dança/ que faz e acontece/ merece um espaço vital/ Quero ver esse povo sorrindo de novo/ cantando feliz/ Lutar sem cansaço/ por terra e espaço e ser a raiz". Esta é a letra, escrita pelo compositor Dilson Pinheiro, que foi cantada durante todo o percurso da passeata realizada ontem, às 16h45min, na Avenida Beira-Mar, em protesto à ameaça de expulsão dos índios Tapebas, do núcleo Vila Nova, em Caucaia.

A manifestação contou com o apoio de onze entidades culturais, científicas e profissionais, além de partidos políticos que defendem a ecologia e o direito à posse da terra. A "Caminhada Pela Vida", como foi denominada a passeata, reuniu cerca de 160 representantes das comunidades Tapebas, sendo acompanhada, também, por um grupo de artistas do Circo Voador. Com faixas e roupas coloridas, os índios conseguiram despertar a atenção dos banhistas e turistas que documentaram o protesto com suas máquinas filmadoras.

DOCUMENTO

Durante a passeata, os índios distribuíram um documento escrito por eles próprios, expondo os problemas enfrentados pela comunidade indígena que habita às margens do rio Ceará, no município de Caucaia. Eles denunciam a ameaça de expulsão que, no momento, o Núcleo de Vila Nova enfrenta. A fábrica Tecnologia Brasileira Alimentos (TBA) já entregou uma notificação de despejo, dando um prazo



Com faixas e cânticos, entidades fizeram passeata de apoio aos Tapebas

de 30 dias para as 64 famílias indígenas que ali vivem desocuparem a área. Segundo Francisco Alves Teixeira, representante da Associação dos Tapebas, a fábrica está querendo a terra apenas para utilizá-la como depósito de lixo.

A programação teve início com uma concentração no Circo Voador, onde vários grupos apresentaram números artísticos, numa homenagem às tradições do povo indígena. Representantes de entidades e partidos políticos — como por exemplo, o Partido Verde —, se pronunciaram manifestando o seu apoio à causa dos Tapebas. Uma

das entidades presente foi a Associação Popular do Cristo Redentor, que se solidarizou com a luta dos índios por também temer que os moradores do Pirambu sejam expulsos futuramente. Isso porque vivem como posseiros de uma área desapropriada pelo governo.

Em documento enviado ao Ministério do Desenvolvimento e Reforma Agrária, os dois mil índios pedem a garantia da permanência das comunidades nos 18 mil hectares onde estão fixados. O protesto foi encerrado na Igreja do Mucuripe, onde os manifestantes foram abençoados por dom Edmilson Cruz. □

Velhos e desiludidos, os índios continuam perdendo suas terras

Expirou-se ontem o prazo dado pela Técnica Brasileira de Alimentos (TBA) para que as 64 famílias remanescentes dos índios Tapebas abandonassem as suas moradias às margens do rio Ceará. Os Tapebas são, ao todo, 900 famílias espalhadas em 26 comunidades. Dentre os que estão ameaçados de despejo, incluem-se alguns brancos. Na manhã de ontem, o arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, e o cardeal holandês Simonis, bispo de Utrecht, visitaram algumas comunidades.

Dentre todos os grupos de Tapebas, os que mais sofreram com as perdas de suas terras foram os que habitavam na lagoa dos Tapebas. Há 11 anos, 50 famílias se instalaram às margens da BR-020, a três quilômetros de Capuan. Os donos das terras onde moravam lhes "presentearam" com uma faixa de terra insuficiente para abrigar a todos. Por falta de espaço, muitas famílias residem numa mesma moradia.

O que mais deixa aquela gente revoltada é a grande quantidade de terras à sua frente sem que possam a ela ter acesso, graças a uma cerca de estacas e arame farpado. O resultado disso é que muitos têm que se deslocar alguns quilômetros para vender a mão-de-obra por migalhas que variam entre 10 e 15 cruzados por uma semana de trabalho. Os barracos praticamente não têm nada no seu interior. Apenas uns poucos objetos feitos de modo artesanal, pelos próprios indígenas.

Maria Marculino Ferreira é uma das descendentes que mora com mais cinco pessoas na sua choupana. "Naquela época, quando vivíamos



Casemiro é o mais velho da tribo

perto da lagoa, podíamos plantar à vontade para retirar-mos apenas o suficiente para nossa subsistência. Atualmente, os peixes apodrecem na lagoa e eles não nos deixam pegar", desabafou.

Embora há seis meses esteja desempregado, Manuel Nascimento se considera um bom agricultor. Enquanto não aparece emprego, sua ocupação consiste em ajudar no soerguimento dos casebres. O passatempo não retira do pensamento de Manuel a idéia de voltar a plantar. "É o que quero. Mas está difícil, pois não temos um palmo

de terra sequer".

O MAIS VELHO

Apesar de toda a miséria que lhes foi imposta, os Tapebas dessa comunidade conservam, a exemplo de outros, um velho orgulho: o casamento ali só acontece entre os indígenas. A união se dá entre primos, sobrinhos e tios. O pai de Manuel, Casemiro Ferreira do Nascimento, é o mais velho integrante da tribo. Tem exatamente 90 anos. O maior sonho de seu Casemiro é tomar banho antes de morrer, na lagoa tomada pelos brancos. Com os olhos quase fechados e a voz trêmula, o ancião relembrava com emoção o seu passado.

"De primeiro, o pessoal armava a sua casinha e plantava qualquer coisa ao lado. Ninguém fazia nada. Eu tinha um tio que já morreu há muitas décadas. Ele teve mais sorte. Faleceu em paz, sem se preocupar com esse problema de terras". O indígena falou, com um ar de tristeza, do habitante que foi expulso recentemente de sua barraca, às margens da lagoa dos Tapebas.

Sua esposa, Adélia Ferreira Sabino, de 73 anos, 53 dos quais vivendo ao lado de seu Casemiro, também tem muitas recordações. "Naquela época não enfrentávamos problemas com relação à alimentação, pois nosso cercado era grande e plantávamos de tudo. Da união dos dois, nasceram oito filhos. Apenas uma das mulheres mora no Rio de Janeiro, o restante vive espalhado pelas várias comunidades de Tapebas. □

Diário do Nordeste
20.07.86